

COMUNIDADES INVISIBILIZADAS: diálogos com saberes de emancipação na prática da prostituição de rua

INVISIBILIZED COMMUNITIES: dialogues with knowledge of emancipation in the practice of street prostitution

COMUNIDADES INVISIBILIZADAS: diálogos con conocimiento de emancipación en la práctica de prostitución callejera

Altair Oliveira Galvão¹ (altair.oliveira01@etec.sp.gov.br)

¹Centro Paula Souza

Resumo

Este artigo é resultado de investigações desenvolvidas em diálogo com mulheres prostitutas em pontos de parada de caminhoneiros na cidade de Canas, Estado de São Paulo. As reflexões, apresentadas, foram formuladas durante o desenvolvimento de pesquisas na disciplina Educação como Cultura, do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, nível de Mestrado na área de Educação. Objetivou-se com este apreender os sentidos subjetivos produzidos por mulheres que atuam na prostituição, compreender processos educativos consolidados na prática da prostituição, assim como superar preconceitos dos saberes de experiência na prática da prostituição. Como base teórico-metodológica foram utilizados os referenciais da Educação Popular, como subsídio para o levantamento e análise das entrevistas obtidas com mulheres que prestam serviços sexuais de rua. Para tanto, buscou-se inicialmente, contextualizar a prostituição como profissão, desvendar a trajetória das participantes e sua inserção neste tipo de atividade, assim como, levantar os sentidos subjetivos relacionados a essa atividade profissional. Participaram das pesquisas sete prostitutas que trabalham na rua “em um pátio de posto de combustível” das pesquisas abordamos neste artigo as contribuições de Regina, Fernanda e Maria. O levantamento dos dados deu-se por meio de entrevistas abertas tendo como foco “o que elas aprendem e ensinam no exercício da atividade de prostituição”. Neste estudo optou-se pelo estudo de natureza qualitativa baseado na epistemologia qualitativa que conforme defende Rey, (2005) “entre o pensamento e a linguagem, está a emoção e que, por isso, nem sempre os sentidos subjetivos podem ser captados nas expressões diretas do sujeito”. Acredita-se, entretanto, que com a metodologia adotada permitiu superar estigmas e desvendar os caminhos construídos pelas participantes no exercício da atividade e que as colocam como agentes de suas próprias transformações, na busca pelo ser mais, contrapondo-se a posição da sociedade que as torna invisibilizadas.

Palavras-chave: Prostituição. Educação Popular. Processos educativos. Cultura.

Abstract

This article is the result of investigations carried out in dialogue with women prostitutes at truck stop points in the city of Canas, State of São Paulo. The reflections presented were formulated for the development of research in education discipline as Culture, course Graduate Stricto sense the level of Master in education. The objective of this grasp the subjective meanings produced by women working in prostitution, understanding educational processes consolidated in prostitution, as well as overcoming prejudices of experience of knowledge in the practice of prostitution. As theoretical and methodological basis we used the reference of Popular Education as a subsidy for the survey and analysis of interviews taken with women providing sexual services street. Therefore, we sought to

initially contextualize prostitution as a profession, unravel the trajectory of participants and their inclusion in this type of activity, as well as raise the subjective meanings related to this occupation. Participated in the research seven prostitutes working on the street "in a fuel station yard" of the research approach in this article the contributions of Regina, Fernanda and Maria. The survey data was given through open interviews focusing on "what they learn and teach in prostitution activity". In this study we chose the qualitative study based on qualitative epistemology as advocates Rey, (2005) "between thought and language, is the emotion and therefore not always the subjective senses can be captured in the direct expressions the subject. " It is believed, however, that the methodology adopted has overcome stigmas and uncover the roads built by the participants in the exercise of activity and place them as agents of their own transformation, in the pursuit of being more, in contrast with the position of the society It makes invisibilized.

Keywords: Prostitution. Popular education. Educational processes. Culture.

Resumen

Este artículo es el resultado de investigaciones desarrolladas en diálogo con mujeres prostitutas en puntos de parada de camioneros en la ciudad de Canas, Estado de São Paulo. Las reflexiones, presentadas, fueron formuladas durante el desarrollo de investigaciones en la disciplina Educación como Cultura, del curso de Postgrado Stricto Sensu a nivel de Maestría en el área de Educación. Se objetivó con este aprehender los sentidos subjetivos producidos por mujeres que actúan en la prostitución, comprender procesos educativos consolidados en la práctica de la prostitución, así como superar preconceptos de los saberes de experiencia en la práctica de la prostitución. Como base teórico-metodológica se utilizaron los referentes de la Educación Popular, como subsidio para el levantamiento y análisis de las entrevistas obtenidas con mujeres que prestan servicios sexuales de calle. Para ello, se buscó inicialmente, contextualizar la prostitución como profesión, desvelar la trayectoria de las participantes y su inserción en este tipo de actividad, así como, levantar los sentidos subjetivos relacionados a esa actividad profesional. Participaron de las investigaciones siete prostitutas que trabajan en la calle "en un patio de puestos de combustible" de las encuestas abordamos en este artículo las contribuciones de Regina, Fernanda y María. El levantamiento de los datos se dio a través de entrevistas abiertas teniendo como foco "lo que ellas aprenden y enseñan en el ejercicio de la actividad de prostitución". En este estudio se optó por el estudio de naturaleza cualitativa basado en la epistemología cualitativa que según defiende Rey, (2005) "entre el pensamiento y el lenguaje, está la emoción y que, por eso, no siempre los sentidos subjetivos pueden ser captados en las expresiones directas del sujeto ". Se cree, sin embargo, que con la metodología adoptada permitió superar estigmas y desvelar los caminos construidos por las participantes en el ejercicio de la actividad y que las colocan como agentes de sus propias transformaciones, en la búsqueda del ser más, contraponiendo la posición de la sociedad que, las hace invisibilizadas.

Palabras clave: Prostitución. Educación Popular. Procesos educativos. Cultura.

Introdução

O presente artigo parte de estudo bibliográfico e de discussões na disciplina Educação como Cultura, no curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano, e do resultado de pesquisa investigativa desenvolvida em diálogo com mulheres prostitutas de rua, em ponto de parada de caminhoneiros na cidade de Canas, Estado de São Paulo.

Neste são utilizados aportes teóricos da Educação Popular, visando apreender os sentidos subjetivos produzidos por mulheres que atuam na prostituição, assim como compreender processos educativos consolidados na prática da prostituição, e desvelar seus saberes de experiência no exercício de tal atividade. Para isso relacionamos o processo de encobrimento que se deu na

América Latina por seus colonizadores, o que ao nosso ver perdura até os dias atuais, podendo ser percebido em diversos grupos da Sociedade Moderna, ou seja, o “encobrimento” como é apontado por Dussel, mas que preferimos denominar como marginalização /invisibilização.

O levantamento dos dados deu-se por meio de entrevistas com sete prostitutas, e focou especificamente um fato marcante na trajetória dessas mulheres “o que elas aprendem e ensinam no exercício da atividade de prostituição”.

Neste estudo optou-se pelo estudo de natureza qualitativa baseado na epistemologia qualitativa que conforme Rey, (2005) “entre o pensamento e a linguagem, está a emoção e que, por isso, nem sempre os sentidos subjetivos podem ser captados nas expressões diretas do sujeito”.

Dessa forma acredita-se que a metodologia adotada permitiu despir estigmas, superar preconceitos, assim como, desvendar os caminhos construídos pelas participantes no exercício da atividade de prostituição, na busca por Ser mais. O que em nosso entendimento permitiu contrapor a posição da Sociedade que as considera invisibilizadas, face aos padrões Eurocêntricos.

1 Fundamentação Teórica

A prostituição é um tema que necessita de uma atenção especial, de uma busca aos detalhes afim de desmistificá-la. Nesta ótica o estudo visa aprender os sentidos subjetivos produzidos por mulheres que atuam na prostituição, compreender os processos educativos que vem sendo consolidados na prática dessas profissionais, com isso, superar preconceitos dos saberes de experiência adquiridos nesta prática, uma vez que, existem muitos pontos a serem observados e não apenas julgados pela nossa pouca informação.

A visão de mundo do pesquisador, as ideologias que incorpora e/ou assume situam os focos, os temas constituintes das referências teóricas que orientam as investigações. As compreensões que dirigem a mirada desde os focos, bem como desdobram os sentidos que tomam os temas, organizam o trabalho de investigar. SILVA (2003)

1.1 Eurocentrismo e a hierarquização do saber

Iniciamos este estudo a partir do termo “encobrimento” apontado por Dussel (1993)ⁱ, sofrido por países Latino Americanos, considerados inferiores, sem cultura, de periferia, a partir dos anos 1492, quando a Europa passa a se autodenominar como Centro do Mundo e precursora da Modernidade, neste sentido busca-se dar igual significado ao termo “encobrimento” ao que vemos como “invisibilidade” em comunidades margilizadas. Nesta ótica como se pode conceber desenvolvimento do outro, se há uma sobreposição, um encobrimento, uma invisibilização destes e de tudo que lhes é peculiar.

Ainda segundo o mesmo autor “...culturalmente, há um monopólio de um sistema educativo que desqualifica, e conseqüentemente, invisibiliza todos os demais sistemas educativos, especialmente os populares, já que a cultura popular corresponde aos modos de vida materiais e

simbólicos dos extratos mais pobres da sociedade”. DUSSEL, (1974), relacionado a este conceito a temos a contribuição de Mato:

As relações hierárquicas entre os tipos de saber, um universal e outro local, fazem parte dessa dinâmica. A desqualificação das formas de saber, ou seja, dos modos de produção de conhecimento e acumulação de resultados deles, dos povos indígenas e dos descendentes de povos africanos escravizados (assim como das chamadas classes populares), é parte da herança colonial e mais uma forma da existência desses tipos de relações que também são interculturais, sim, porém não de colaboração, mas de subordinação e, conseqüentemente de conflito. (MATO, 2006, apud ARAÚJO – OLIVEIRA, 2014).

Dessa forma pode-se entender que existe uma desvalorização dos saberes adquiridos pelas classes populares, e que isso tem se perpetuado desde o início da colonização, uma vez que os conhecimentos dos povos nativos acabaram por ser suprimidos por valores dos que se intitulam como cultura desenvolvida, ou seja, a Europa Ocidental com sua modernidade como é evidenciado por Quijano.

A modernidade é, assim, também uma questão de conflito de interesses sociais. Um deles é a contínua democratização da existência social das pessoas. Nesse sentido, todo conceito de modernidade é necessariamente ambíguo e contraditório. (QUIJANO, 1998a; 2000a).

1.2 Cultura como experiência vivida x Visão Eurocêntrica

Dussel (1974), nos alerta que, culturalmente, há um monopólio de um sistema educativo (escolar) que desqualifica, e em consequência, invisibiliza todos os demais sistemas educativos, especialmente os populares, já que a cultura popular corresponde aos modos de vida materiais e simbólicos dos estratos mais pobres da sociedade.

Na visão “Eurocêntrica” costuma-se pensar a Educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou então do ponto de vista da relação entre teoria e prática, o que nos leva a perceber que nessa visão o Saber de Experiência não é entendido como forma de Educar-se. Opondo-nos a visão Eurocêntrica, acreditamos que seria mais plausível o que nos fala Geertz:

[...] a cultura nunca é igual, é sempre uma recriação. O ser humano expressa sua experiência vivida. As especificidades são complexas e possuem um caráter único e generalizações devem ser feitas com critérios. Para compreender o que o ser humano faz, é necessário entender uma ação dentre várias outras e localizá-la, caracterizá-la. No estudo da cultura, a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas, não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles. (GEERTZ, 2008)

Ainda nos apontando sobre a dificuldade que temos de compreender as contribuições advindas das classes populares temos o que nos fala Valla:

[...] nossa dificuldade de compreender o que os membros das chamadas classes subalternas estão nos dizendo está relacionada mais com a nossa postura do que com questões técnicas ... Nossas dificuldades em aceitar que pessoas “humildes, pobres, moradores da periferia” são capazes de produzir conhecimento, são

capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade e, dessa forma, fazer uma interpretação que contribui para a avaliação que nós fazemos da mesma sociedade. (VALLA, 1992; 1993, apud ARAÚJO – OLIVEIRA, 2014).

Corroborando como um caminho para a superação da nossa dificuldade de compreender o que dizem os membros das classes subalternas, podemos lançar mão às contribuições de Silva e Brandão:

Com seus corpos autoritários/submissos, prepotentes/dóceis, trabalhadores/ociosos, expressivos/atentos, alegres/tristes, amorosos/ agressivos, mulheres/homens criam o espaço e o tempo das suas vidas, da sociedade em que vivem e de cuja construção participam. SILVA (2003). Aprender significa abrir-se ao fluxo impermanente e inesgotável do saber. Aprender é um encontro. É um sempre ir ao encontro de. (BRANDÃO, 2008).

1.3 Saberes de experiência na prostituição

[...] a discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarada em práticas concretas, é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa. (FREIRE, 1992).

Na ótica de quebrar o estigma de “vítimas” e / ou “coitadinhas” nossa pesquisa parte de suas agentes, buscando aprender com elas sobre seus saberes de experiência e entender a forma como se educam e como educam as pessoas no exercício da atividade de prostituição, buscando assim superar representações e estereótipos acerca das prostitutas que muitas vezes também habitam o imaginário de pesquisadores.

Antes da apresentação dos resultados das pesquisas de aproximação com as garotas de programa, achamos importante caracterizar o termo prostituição, conforme descrito por Sousa (2012):

[...] o termo prostituição é empregado, aqui, para referenciar a prestação voluntária de serviços sexuais por mulheres adultas mediante acordo prévio com a clientela acerca de tempo, tipo de serviço e pagamento pelo programa realizado. Nessa definição, a prática da prostituição figura como estratégia de inserção socioeconômica e não como forma de exploração sexual, posto que as participantes da pesquisa tenham afirmado que entendem a atividade exercida como trabalho sexual, ressaltando que o ingresso e permanência nessa atividade são voluntários e não resultado de coerção de outrem.

Como relatado anteriormente este estudo se fez junto a prostitutas de rua, especificamente no pátio de um posto de combustível as margens da Rodovia Presidente Dutra, na cidade de Canas, Estado de São Paulo. Em meu primeiro contato com as garotas, não obtive muita receptividade, me recordo que ao me apresentar e propor a aproximação para o desenvolvimento da pesquisa, uma das garotas se retirou, enquanto, que a outra de forma direta disse não poder participar. Após mais

algumas tentativas e com a ajuda de um amigo que conhece uma das garotas, foi possível a aproximação e familiarização com o ambiente onde as prostitutas exercem a atividade.

Em relação a esta aproximação podemos relacioná-la ao que é citado por Bauman (2009) em *Confiança e medo na cidade* "... a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana".

Uma vez que estas são tidas como marginalizadas pela Sociedade, é perfeitamente compreensível que quando abordadas por estranhos "no caso pesquisador" se sintam incomodadas ou até mesmo como medo de expor sobre suas vidas e experiências, fato esse que nos remete relacionar tal reação aos saberes de experiência adquiridos no exercício da atividade de prostituição como forma de autoproteção.

Posteriormente a aproximação, como ilustrado na fala de Fernanda, quando lhe foi perguntado sobre o que costuma e gosta de fazer nos horários vagos, pudemos perceber que uma vez superadas as barreiras e preconceitos pode-se estabelecer a escuta.

Fernanda: ... ultimamente não está sobrando tempo para mais nada, o pessoal das faculdades não me dá tempo mais, toda hora vocês me chamam aqui para dar entrevista (risos). Gosto muito de ler.

Em outro relato sobre os motivos que as trouxeram para a prostituição temos os relatos de Fernanda, Maria e Regina:

Fernanda: A falta de emprego. Eu tinha uma filha de cinco anos, minha mãe me colocou para fora de casa. Eu não ia vender nem dar minha filha para os outros, então para sobreviver e criar ela eu tive que vir parar aqui.

Maria: Muita humilhação, da parte familiar, muita fome, dificuldade. Eu era moça, e minha mãe falava que eu não era. Minha própria mãe me levou pela primeira vez para a prostituição, aos quinze anos e estou até hoje. O que me levou a ser uma profissional do sexo foi a falta de apoio familiar, falta de amigos, foi isso que me levou a este tipo de vida.

Regina: Bom eu tive um namorado e a gente namorou três anos e meio, aí tivemos uma briga e separamos e eu acabei ficando grávida. Ele não me assumiu, ele sumiu no mundo. Aí eu tive que assumir as consequências para criar o meu filho.

Com base nos relatos a cima das pesquisadas podemos destacar que o trabalho sexual, lhes proporcionou meios de obtenção de renda necessária para a conquista de autonomia financeira, o que em nosso entendimento, permitiu a libertação, não precisando mais pedir permissão a um homem – seja pai, namorado, marido – para fazer o que tem vontade, assim como despir-se das humilhações do ambiente familiar.

Ao abordarmos sobre o preconceito da sociedade, se já sofreram algum tipo de preconceito direto e qual o seu posicionamento sobre tal agressão Fernanda e Maria nos relata que:

Fernanda: Nenhum. Sempre falo que a sociedade é hipócrita, eu não devo nada para ninguém, uso meu nome verdadeiro, entro na zona de cabeça erguida e saio

de cabeça erguida. Meu caráter eu carrego comigo, o que a sociedade pensa de mim não me importa, eu não devo nada para sociedade.

Maria: Com certeza, em qualquer lugar, mas o que tem que fazer? Ignorar. Você vai bater boca, vai discutir? Não tem como, se ignorar a pessoa fica sem graça.

Nestes diálogos pudemos observar que cada pessoa, acaba por desenvolver mecanismos de defesa para se proteger dos preconceitos da Sociedade, em relação ao exercício da prostituição, ou melhor cada pessoa vai se educando ao longo das relações vividas, e aprendendo sobre os momentos de quando falar e quando calar.

Nota-se, portanto, um deslocamento de foco que pode ser observado em perspectivas que não consideram prostitutas vítimas e nem vilãs, mas como pessoas dotadas de agência como afirma Piscitelli (2005).

Em outros diálogos com Regina e Fernanda em relação à clientes que já as procuraram, mas que não buscavam fazer sexo, e sim conversar obtivemos os seguintes relatos:

Regina: Tem sim. Eu mesma atendi um rapazinho que veio fazer uma pesquisa, ele queria aprender e queria saber coisas da vagina, o que é um clitóris, o que é um ponto G, tem tudo isso, as pessoas procuram mesmo, e é legal isso, ele veio no lugar certo.

Fernanda: Ah, tem. Alguns chegam nervosos, dizendo que as mulheres só brigam, reclamam do filho, chegam lá tão nervosos que não conseguem fazer mais nada, só conversar. Mulher hoje em dia casa só por casar, esquece que além de esposa tem que ser mãe, amante e companheira e depois perde o marido até para uma prostituta.

Segundo relato das profissionais é possível destacar que todo ser humano, vive em uma busca constante, onde toda a relação que estabelece, com o outro, vai o transformando, assim como transforma o outro, entretanto, sendo ele um ser inacabado, e consciente dessa sua limitação, vive uma busca interminável, muitas vezes utópica, de se (re) construir nas relações, o que é evidenciado por Freire:

[...] a Educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos. Quando o homem (mulher) compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 2010, p.14 -16)

Obtivemos ainda para o estudo, informações relacionadas as relações de amizade, vínculos estabelecidos com seus clientes no desempenho da atividade de prostituição, os quais relatamos a seguir:

Maria: Muitos presentes, muitos amigos, muitas propostas de sair e viver uma vida boa, mas o dinheiro que a gente ganha nessa vida, se a gente trabalhar um ano a gente não ganha o que a gente pode ganhar aqui em um mês, ou em 15 dias. Tô que nem borboleta, hoje eu tô aqui, amanhã tô lá e se eu cansar eu volto pra trás de novo.

Fernanda: São maravilhosos! Tem cliente que fica comigo há mais de 10 anos, e quando eu dependo dele para alguma coisa não preciso nem pedir, eles chegam lá e já levam. Se precisar de um dinheiro extra eles me levam, eu precisei fazer uma

cirurgia e eu fui lá na casa dos clientes de táxi só para arrecadar meu bônus (risos). Eles são meus amigos. Já teve cliente que chegou lá, era casado, depois começou a levar o filho.

Percebe-se nos relatos que em meio a uma visão preconceituosa preconizada na Sociedade, que pode ser observado em literaturas e em escutas cotidianas, que consideram a atividade da prostituição, algo negativo, ligado ao uso de drogas, forma de disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, entre tantos outros atributos negativos, que as coloca como marginalizadas; laços de amizade, de cuidado, de atenção são construídos entre seus agentes (prostitutas e clientes), o que está em consonância com Souza (2012, p. 12) [...] com relação aos processos educativos decorrentes do cuidado, os dados da pesquisa revelaram que estes acontecem nas relações entre os sujeitos que cuidam e são cuidados enquanto educam e são educados. Esse saber está em curso no contato com o outro, pela oralidade, pelas ações, pelas experiências e são significativas para cada um.

Sobre os perigos e riscos no exercício da atividade sexual, quer seja pelo contínuo contato com estranhos, sobre a possibilidade de serem forçadas a realizar programas indesejados, mas condições de higiene, agressividade de clientes; três das garotas afirmam que não são obrigadas a sair com homem mal-educado, sujo, que não aceitam ser ofendidas física ou moralmente e que são elas que escolhem se querem ou não sair com os clientes, entretanto, expressão preocupação e medo no caso de um preservativo se romper, conforme podemos observar na transcrição dos diálogos:

Regina: Olha, aguentar homem mal-educado eu não aguento, porque eu escolho a pessoa que vai sair comigo, não sou obrigada a sair com pessoa mal-educada, invento uma desculpa para ele não se magoar e tento sair dessa pessoa. ... olha, esse é um caso a se preocupar mesmo, na realidade é um caso sério, porque geralmente acontece, não vou mentir, acontece de estourar a camisinha, a gente fica morrendo de medo. Mas a gente se cuida, usamos pomadas, é um risco muito grande, temos todo cuidado na relação como lubrificar bastante, usar muito gel para não correr o risco de estourar a camisinha, porque quando estoura é uma preocupação que não sai da cabeça.

Fernanda: Para mim, não. Prostituta não é obrigada a ficar com homem mal-educado, sujo, ela tem direito a escolha. Eu escolho o homem que eu quero. ... nós que trabalhamos aqui distribuímos preservativos, acho que nós somos as únicas que não vão pegar doença (risos) até porque eu sempre me cuidei né!

Maria: Até o ponto de ser desrespeitada física e moralmente, eu não aceito. No mais, para mim o que eles pensam não importa. Se eu falar para você que não acontece de um preservativo estourar, é mentira. Não é sempre, mas estoura. Para isso que existe preservativo, médico, anticoncepcionais, médico, álcool em gel que a gente usa, as toalhas limpas.

Podemos relacionar o termo medo presente nos diálogos ao que nos fala Bauman nas páginas anteriores, referente a insegurança moderna, em suas várias manifestações, caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos e por suspeitar dos outros e de suas intenções. Todavia é importante frisar, que o medo não funciona como fator imobilizante na ação de prostitutas de modo a anular a agência dessas mulheres. O medo funciona como um alerta que indica a necessidade

de apurar os sentidos visando a ampliar a leitura da realidade e a intencionalidade das relações estabelecidas.

Nesta ótica os saberes de experiência acumulados quer seja no exercício da profissão, ou de outras experiências de vida, fazem-se presença constante na condição de ser/estar prostituta e configuram-se como resposta frente a uma realidade vivida anteriormente, as quais essas mulheres não quiseram se contentar e/ou adaptar-se.

2 Metodologia

Com base nesse estudo de caso, a pesquisa qualitativa exploratória coloca-nos na perspectiva da construção do conhecimento significativo permitindo a construção mútua (pesquisador/pesquisado), corroborando para o enfrentamento da realidade investigada e a superação das situações limitesⁱⁱ estabelecidos, buscando compreender como se dão os processos educativos o exercício da atividade de prostituição.

Já a pesquisa exploratória é definida por Gil, (2007, p. 41) como: “pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento como também na variedade de abordagens e métodos. Flick, (2009). Já na visão de Rey, (2005) “entre o pensamento e a linguagem, está a emoção e que, por isso, nem sempre os sentidos subjetivos podem ser captados nas expressões diretas do sujeito”.

O trabalho empírico foi realizado por meio de pesquisas a campo nos meses de março/abril de 2016, buscando a inserção junto à comunidade de prostitutas, sendo esta uma pesquisa aberta.

3 Discussão e análise de resultados

Com base nas pesquisas bibliográficas e nos diálogos, foi possível obter importantes informações, que nos permitem rever (pré) conceitos incutidos pela Sociedade, assim como, aprender sobre especificidades de como na atividade da prostituição, as pessoas se educam. Como apresentado nos diálogos os saberes de experiência evidenciados, corroboraram para uma aproximação entre os conhecimentos teóricos apresentados nos estudos da disciplina Educação como Cultura, assim como culminaram no interesse em buscar dentre as diversas comunidades invisibilizadas uma aproximação com a comunidade de prostitutas, objeto de estudo deste trabalho afim de dar maior importância e visibilidade a essa questão tão polêmica e que muitas vezes quando estudada tem como foco, o uso do corpo da mulher meramente para satisfazer necessidades sexuais de homens, conforme apontado em bibliografias de cunho feminista, que no decorrer do estudo pode ser evidenciado como uma inverdade, uma vez que as participantes demonstraram

que a prática da prostituição muitas vezes se deu na busca pela emancipação, como: a financeira, educacional, dos pais, maridos e namorados junto aos quais ,sofriam maus tratos, agressões físicas, verbais e necessidades para a subsistência.

O estudo sobre os saberes de experiência na prostituição teve sua construção positivamente, foi uma inserção incomum que proporcionou a troca de saberes entre pesquisador/pesquisados, quebrando estereótipos de que grupos tido como marginalizados, não são capazes de aprender com suas vivências com o outro. O que reforça a abordagem de que nenhum ser humano se educa sozinho e sim nas relações que estabelece com as demais pessoas, educando-se mutuamente.

Conforme aponta Oliveira; Silva (2003, p.10) A inserção de pessoas da academia em outras comunidades significa de um lado juntar-se a ela, tomar parte da sua vida e do outro, ser por ela admitido. Isso não significa se anular, desfigurando seu papel e sua identidade, mas os enriquecendo diversificando.

Neste sentido do termo enriquecimento diversificado, assemelha-se ao que é preconizado por Freire (1970, 2003):

[...] não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais para de educar-se". Os saberes de experiência consolidados no interior de tais práticas constituem-se como referências por meio das quais os seres humanos fazem a leitura de si e da realidade e se engajam na busca por sua completude, posto que os seres humanos sejam seres inacabados e, tendo ciência de sua incompletude, engajam-se permanentemente na busca por Ser Mais.

As informações e histórias na prostituição consistem na busca por querer desmistificá-la e demonstrar que o assunto é comum, como muitos outros, e que não requer tabus, e sim um olhar mais atento a cerca desse tipo da atividade em si. Diante dessa realidade, a pesquisa ora proposta mesmo que superficialmente possibilitou um maior desvelamento dos sentidos subjetivos produzidos por mulheres que se encontram na prostituição, sobre seus processos educativos, em busca do "Ser Mais", corroborando para uma superação dos preconceitos dos saberes de experiência advindos desta prática.

Segundo Sousa (2014) apud Leite (2009):

[...] à instauração do diálogo entre prostitutas e membros da comunidade acadêmica contribui com o questionamento da perspectiva vitimizante acerca das prostitutas. Tal perspectiva era sustentada por alguns pesquisadores que, por vezes, procuravam essas mulheres com intenção de confirmar teses previamente estabelecidas (nas quais as prostitutas figuravam como coitadinhas, como pessoas sem estrutura familiar ou como drogadas, delinquentes ou ninfomaníacas). Por meio da inserção em contextos de prostituição, da conversa com prostitutas e de observações em campo, paulatinamente, vai sendo questionada essa tendência em retratar a prostituta como vítima.

Considerações Finais

Com a análise dos dados qualitativos deste trabalho, ficou evidenciado que, embora as questões relacionados as experiências das profissionais do sexo, desvelem, por meio dos seus saberes de experiências, um sentido na busca pela libertação, da mesma forma recai sobre essas mulheres, uma opressão tentando renegá-las o direito de Ser Mais. Reconhecendo tal (pré) conceito e opressão de uma sociedade que acaba por exclui-las da totalidade, ficam confinadas em lugares dispersos e afastados, nos quais acabam sofrendo depreciações e xingamentos, mas que a cima de tudo, afirmam o seu valor como pessoa, seu humanismo, contrapondo-se aos fatores que tentam torna-las invisíveis. Considerando o processo na vida da prostituição, com suas estruturas desumanas e opressoras que marginalizam uma possibilidade de existência no mundo, as participantes demonstram, um desejo de ir além, de Ser Mais.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2009). **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DUSSEL, Enrique. (1993). **Conferência I: O Eurocentrismo**. In. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes. p.17-26.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. (1970). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1981). **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (2003). **Política e educação: ensaios**. 7ª ed. São Paulo: Cortez.
- _____. (2010) **A educação e o processo de mudança social**. In. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 32ª. Reimpressão. p.27-41.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- LEITE, Gabriela. (2009). **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- OLIVEIRA, M. Waldenez; SILVA, Petronilha B. G. – **Inserção e atuação de agentes educacionais em comunidades**: Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde. Recife, Ano 3, no. 5, 2003, p. 10.
- PISCITELLI, Adriana. (2005). **Dossiê gênero no mercado do sexo**. In: Cadernos Pagu, n. 25, Campinas, pp. 7-23, jul. /dez.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). (2005). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. p.227-278.

SOUSA, Fabiana Rodrigues. (2014). **Entre o medo e a Ousadia: educando-se na prática da prostituição** In: Revista Ártemis, Vol. XVIII nº 1; jul-dez., p. 61-68

SOUSA, Fabiana Rodrigues. (2012). **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição.** Tese (Doutorado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

RAM, Rev. Adm. Mackenzie. (2015). **Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas.** Edição Especial, 19-47. São Paulo, SP. Nov./Dez..

REY, G. F. L. (2005). **O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica.** In G. F. L. Rey (Org.). Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia (pp. 27-51). São Paulo: Thomson Learning.

RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SOUZA, Erivelto S.; SOUSA, Fabiana R.; TEIXEIRA, Iraí M.C; OLIVEIRA, Maria W. (2013). **Educar-se com grupos, organizações e movimentos sociais: processos educativos em práticas sociais populares.** Revista Pedagógica, Chapecó, v.15, n. 181, p. 45-58, jul./dez.

Recebido em 11/01/2019

Aceito em 30/10/2020

i A Modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas nasceu quando a Europa pode se confrontar com o seu “Outro” e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pode se definir como um “ego” descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi “descoberto” como Outro, mas foi “en-coberto” como o “si-mesmo” que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do “nascimento” da Modernidade como conceito, o momento concreto da “origem” de um “mito” de violência sacrificial muito popular, e, ao mesmo tempo, um processo de “en-cobrimento” do não-europeu.

ii De acordo com Freire (2005), as situações limites explicitam os mecanismos de opressão e contradições sociais que, numa perspectiva fatalista, podem ser considerados como obstáculos intransponíveis, gerando a adaptação do ser humano. Já numa perspectiva crítica, podem ser percebidos como desafios a serem superados, exigindo o engajamento na busca pela transformação da realidade.